

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 23 numeros. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

JOÃO LOPES	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
FÉ... OU TREVA	Luiz Murat.
A FAMILIA MEDEIROS.	Aluizio Azevedo.
BANDOLEIROS.		Cosimo.
LE COUCHER DE LA MORTE	R. Montesquiou.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO		Alfredo Bastos.
EFFITOS DO AMOR .		Paulo Augusto.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato de
FURTADO COELHO

JOÃO LOPES*

Capistrano de Abreu, o apreciado escriptor e jornalista que todos conhecem, prometteu enviar-nos de Theresopolis, onde se acha, o perfil biographico de João Lopes, seu comprovinciano e companheiro de infancia, para acômpañhar o retrato com que hoje se honra o nosso periodico.

Infelizmente não merecemos de Capistrano de Abreu o cumprimento de sua promessa; até a ultima hora esperámos de balde a sua magnifica prosa, e fomos, afinal, obrigados a mandar imprimir o *Album* sem ella. Todavia, se nos fôr enviado o prometido artigo, teremos o prazer de dal-o á estampa no proximo numero.

Em todo o caso, a simples publicação do retrato de João Lopes basta para demonstrar a estima e consideração em que temos o illustre e sympathico cearense, que pelo seu talento e pelo seu character soube, ainda tão moço, elevar-se á alta dignidade de presidente da Camara dos Deputados.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

O Sr. Dr. Barata Ribeiro encheu toda a semana. O nosso prefeito municipal—hou-ra lhe seja!—tem desenvolvido uma actividade promettedora, e parece disposto a acabar com muitas coisas que envergonham a ex-Sebastianopolis.

Os decretos da prefeitura municipal têm naturalmente descontentado a muitos individuos, ha longo tempo habituados á velha condescendencia dos nossos edis; mas creiam, meus senhores, que sem um pouco de violencia é impossivel dirigir com alguma decencia e alguma efficacia os negocios municipaes do Rio de Janeiro.

O povo fluminense, aliás ordeiro e sensato, prima pelo desrespeito á lei, e por uma comprehensão phantastica dos seus deveres e dos seus direitos. Fazer-lhe comprehender nitidamente uns e outros será obra de grande alcance social, embora seja preciso, para leval-a ao cabo, distribuir alguns puxões de orelhas e mesmo alguns pontapés bem applicados. Ella por ella. Não ha maior brutalidade que a da ignorancia.

Não creio que a maioria dos nossos intendentes municipaes honre sobremaneira o criterio do eleitorado, não creio mesmo que o Sr. Dr. Barata Ribeiro seja um prefeito perfeito, mas creio que a municipalidade, organizada como está, consiga em seis mezes o que todas as municipalidades do Imperio não conseguiram em sessenta e sete annos.

Sejamos bons municipes, e em pouco tempo o Rio de Janeiro, que tem elementos para ser a mais bella cidade do mundo, rivalisará, pelo menos, com

a mais bella cidade da America do Sul,—o que não será pouco.

*

Entre as medidas decretadas pela Municipalidade figura a restituição do Carnaval á sua epoca propria.

Ainda bem que não teremos este anno, como no anno passado, a inqualificavel extravagancia de mascarados em Junho. Pela parte que me toca, poderia o Carnaval desaparecer dos nossos costumes, que não me deixava saudades. Acho que esse divertimento não se coaduna com a educação moderna.

Esta é uma nota muito subjectiva. O Carnaval, mesmo depois da febre dos prados, dos hippodromos, dos bellodromos e dos frontões, continúa a ser o nosso divertimento popular por excellencia, e eu não sou egoista : viva o Carnaval !

Entretanto, protesto, como sempre protestei, e como continuarei a protestar enquanto achar um cantinho em que albergue a minha prosa, contra esse indecoroso espectaculo de mulheres seminuas, encarapitadas nos famosos carros allegoricos, escandalizando as donas honestas, e accendendo no espirito das donzellinhas a inveja d'aquelle ephemero e illusorio triumpho.

Os rapazes dos clubs carnavalescos podem se divertir sem fazer *reclame* ás barregans de alto bordo, nem iluminar á sua custa a apothose da prostituição.

*

Na minha ultima chronica escrevi que ainda não tinha visto a *Folha Azul*. Heitor Guimarães obsequiou-me em seguida com a remessa de seu periodico. Só tenho que louvar a boa escolha da prosa e dos versos que opulentam os tres primeiros numeros. E' uma folha sympathica e primaveril, que o publico fluminense não deve deixar morrer.

*

A exiguidade do espaço de que disponho no presente numero do *Album* obriga-me a deixar no tinteiro quasi toda a semana. E note-se que houve um assassinato, uma prisão importante de moedeiros falsos, mais um pedido de demissão do chefe de policia, e outras coisas que poderiam encher muito papel. Mas eu, como dono da casa, tenho que ce-

del-a aos hospedes, e os leitores de certo não se queixarão vendo-me com tanta vantagem substituido.

A. A.

FÉ... OU TREVA...

Disse o espectro ao surgir da funebre enxovia :
«Ide-vos, gulotões, deixae-me o ventre em paz.
Esta adega de pús ficou por fim vasia,
E em terra, em lama, em pó, em nada se desfaz.

A matilha cruel dos goulous deshumanos
Invernou neste albergue esfuracado e immundo,
E atirava-me á face epithetos profanos,
E mordia sem dó meu seio nauseabundo.

Estresilhado espectro, hoje vago sem rumo,
Por esta encrusilhada onde aprendi a amar.
Como é pesada e fria esta roupa de fumo,
Que me faz de sepulchro em sepulchro ajoelhar !

Quem sou? Poeira. Quem sou? Verme que o verme enfrenta.
Chamma pura do amor, que se fez esqueleto,
E que andava a carpir n'uma carne opulenta
Como Heloisa ao pôr do sol no Paracleto.

Onde estaes illusões, merencorias noviças
Do coração humano — o mosteiro do amor ?
E vós, sonhos da infancia, e vós, dores submissas,
—Por impiedosos pés machucados em flor ?

Para onde foste, ó sombra errante de outras eras,
—Patativa gasil das madrugadas de ouro ?
Tu, bemfaseja luz, nuncia das primaveras,
— Esperança.. esperança enlaçada ao meu chôro ?

Minhas irmãs do céo—as estrellas medrosas —
Nem uma vez sequer perguntaram por mim.
Minhas irmãs da terra — as odoran es rosas—
Com receio da irmã, fugiram do jardim.

Ingratas, se uma só de vós morresse, iria
Noite á noite resar, dormir junto ao seu leito,
E, transida de dor, sem medo, apertaria
Ao meu peito febril o seu gelado peito.

Cobre os paços da morte a terra e o esquecimento.
Quem volve o rosto mais para o sepulchro, quem ?
Se continúa sempre azul o firmamento,
Se sempre o mesmo aroma o calice contém ?

Irrisão, dor, tormento, ancia desesperada,
Saber que ao mesmo porto arroja-nos a sorte !
Vivos, ouvi meu grito, almas, volvei ao nada :
A morte não é vida, a morte não é morte.»

LUIZ MURAT.

Rio, 12 de Dezembro de 1892.

A FAMILIA MEDEIROS

N'esta dolorosa epoca de ladroeirias commerciaes e sobressaltos politicos, é acto de grande abnegação e extremo heroismo fazer una obra litteraria; e mais extraordinario ainda é, vencendo todas as difficuldades, imprimil-a em volume e publical-a.

O preço da impressão e do papel excede a tudo o que se possa imaginar de exagerado. O publico não póde ler, porque não póde distrahir a sua attenção das miserias em que vegeta ou dos perigos que o ameaçam.

Depois da bancarrota, o publico brasileiro divide-se apenas em duas ordens: a dos que tudo perderam, e a dos que tudo ganharam. Os primeiros choram de fome, e os segundos tremem de medo pela sua riqueza mal adquirida. Uns se escondem para occultar a miseria; outros para fugir á justiça.

Mas todos se escondem, estes atirando-se para a Europa, aquelles pondo apenas um nariz postico.

Os ricos fingem-se pobres com medo da cadeia, e os arruinados fingem-se ainda ricos para inspirar confiança ao publico.

Um bello carnaval!

E ninguem lê livros.

*

Por isso, ao tomar nas mãos o novo romance brasileiro, firmado pelo sympatico e victorioso nome de Julia Lopes de Almeida, applaudi esse bello e singular apparecimento com um «Bravo» intimo e sincero.

Mas, folheando o volume antes de o ler, em vez de prelibar as delicias que naturalmente elle me reservava, senti impetos de arrojal-o para longe de meus olhos, indignado pelo seu aspecto anti-artistico de livro brasileiro, com o seu detestavel formato quasi quadrado, com os capitulos grudados ao alto da pagina, com as suas margens enormes e desiguas, com o seu papel pulha, assetinado, com o seu typo grande de mais para a medida que lhe deram, e, enfim, com esse todo desgracioso e repulsivo que os impressores fluminenses dão, em geral, á obra que têm a desgraça de lhes cahir nas garras.

Ah! raça maldita de impressores, que não têm sequer a dignidade da sua arte, ou a simples comprehensão do seu officio!

Que o inferno os confunda!

Foi, por consequente, vencendo a repugnancia que me inspira quasi toda a obra sahida das officinas de publicação do Rio de Janeiro, que principiei a ler o interessante romance da talentosa escriptora.

*

E' a narração de um simples episodio domestico, passado n'una fazenda do interior de S. Paulo. O enredo, quasi nullo, é apenas um pretexto para pintar typos e descrever scenas brasileiras.

A autora tira um bello partido das expressões e vocabulos populares que apanhou do natural, e enriquece a sua obra com alguns quadros verdadeiros, feitos com louvavel honestidade artistica.

Pena é que o mal entendido preconceito de en-deusar os seus heróes a arredasse por vezes da veneração que todo o artista deve á verdade. Não fallo dos typos secundarios, que esses são simples e bons; refiro-me aos principaes, em torno dos quaes gyra a intriga amorosa.

Tal preconceito é um vicio que nós herdamos de certos romantics francezes. Octavio Feuillet, por exemplo, quer seja armando aquelle judas que elle chamou *Monsieur de Camors*, quer seja pintando em papelão e sarrafo aquelle boneco de engonços baptisado com o nome de Maximo Odiot, quer seja apresentando o manequim de saias do *Journal d'une femme*, foi sempre de uma insupportavel prodigalidade nas qualidades brilhantes com que enfeitou esses seus typos.

O heróe das obras de Feuillet é sempre o mais perfeito dos mortaes, o mais bonito dos moços, o mais elegante, o mais talentoso, o mais instruido, o mais valente, o mais dextro, o mais honrado e o mais nobre. Ninguem como um heróe de Octavio Feuillet para saber musica, para saber desenho, para saber linguas mortas e vivas; ninguem como elle para montar a cavallo, para dansar a valsa, para bater-se em duello e ter phrases espirituosas e mordazes.

Os rheumatismos, as dores de barriga, as verrugas no nariz e os callos inventaram-se para o resto da humanidade.

Esse modo de deshumanisar os seus heróes e de pretender semi-deusal-os é o que principalmente me faz não gostar das obras bem escriptas do insupportavel mestre. A' força de querer dar a seus typos attitudes superiores, e á força de afastal-os dos infinitos e inevitaveis ridiculos da vida commum dos outros homens, Feuillet tira-lhes todo o feitiço humano e redul-os, não a semi-deuses, mas simplesmente a imagens de oratorio. E, como essas imagens andam de collo em collo e de bocca em bocca, da primeira á ultima pagina da obra, como um *Santo Antoninho onde te porei*, o que succede é que ellas acabam sempre reduzidas a uma especie de symbolo milagroso, esfarrapado e informe, seboso e fedorento, emporcalhado de beijos de todo o mundo.

Que diabo! todo o homem, por mais superior, tem sempre os seus ridiculosinhos. Napoleão, o Grande, tinha colicas que o faziam chorar e escabujar comicamente pelo chão; e, quando uma vez, defronte dos seus exercitos, tentou subir a uma pyramide no Egypto, rasgaram-se-lhe os calções de alto a baixo, e não subio!

*

O Dr. Octavio da *Familia Medeiros* parece-me que é tambem da outra familia do seu chará Octa-

vio Feuillet; elle, e as irmãs, e mais a prima Eva. Sempre que a autora falla do Dr. Octavio, enche-se de tal respeito e colloca-se tão á distancia delle, que quasi lhe não vê senão o vulto.

O leitor, esse não vê nada!

Sabe, sim, que elle não se confunde com os outros personagens do romance, porque a autora lhe dá arreios de prata e churutos de Havana, e *robe-de-chambre* de seda indiana, « com arabescos e cornucopias brilhantes », e « uma manta persa, trazida de Berlin », e bonitos olhos castanhos, e unhas polidas, e brunidas, e, *par dessus le marché*, entrevistas amorosas com a mulher de um negociante rico da avenida das Tílias, a qual « encostava no hombro do amante a bella cabecinha loura, em quanto os seus labios, n'uma avidez de abelhas, lhe procuravam todo o mel dos beijos. »

Que injustiça! Dar tudo a este typo e nada aos outros!

Mas os outros, coitados, tambem são filhos da mesma penna!

Vamos lá! Porque razão a autora, que distribuiu tantos defeitos e nenhuma virtude aos outros personagens do romance, como o Dr. Azevedo, o Trigueirinho, o Commendador, o fazendeiro Antunes etc. etc., não consente que os seus typos do primeiro plano se não confundam jamais com aquelles, nem mesmo na linguagem?

Já não me refiro a Octavio, que foi educado na Allemanha; mas Paulo? Paulo, que nasceu na roça, que nunca sahio da roça, porque não falla como os seus congencres?

Sei porque é. E' porque a autora imaginou que Paulo ficaria ridiculo fallando como os typos vulgares, e isso não convinha, porque Paulo, apezar de rapaz da roça, era o amado e o escolhido de Eva, a superfina.

Superfina aqui quer dizer a mulher perfeita, o anjo modelo, a heroína da festa. E nestes livros á Octavio Feuillet, quando a heroína distingue um typo com o seu amor, o desgraçado já se não pertence; já não póde fallar, nem sentir como o resto da gente: tem de ser o que é Paulo na pag. 211, o modelo da abnegação, do amor e da bondade.

Eis o que elle pensa. Transcrevo:

« Indubitavelmente Eva adorava Octavio, e, para fugir-lhe, procurava á pressa um marido, por mais imbecil que fosse, prompta a todos os sacrificios, menos ao de curvar a cabeça diante do tio, o velho inimigo de seu pae!

Era isso, era! Elles haviam de ser felizes algum dia; e elle, Paulo, que tinha por Eva uma paixão sem limites, uma paixão vastissima, nascida na adolescencia, avigorada na mocidade; elle, que sonhára a sua posse como o ideal da ventura na terra, e que em cada dia parecia sentir maior e ainda mais solido o seu amor; elle mesmo trabalharia para que Octavio desposasse a prima, e, depois de os ver estabelecidos no Manguelral, em pleno goso do seu amor, fugiria para bem longe, para a Europa, ou

para os Estados-Unidos, de onde lhes escreveria umas narrações de viagem e umas falsas noticias da sua ventura e do seu bem estar! »

ALUIZIO AZEVEDO.

(Conclue no proximo numero)

BANDOLEIROS

E' este o titulo de um volumezinho de oitenta paginas, muito bem impresso em Juiz de Fóra, na typographia Torres, contendo versos de Silva Tavares, habil e esperançoso mancebo.

O volumezinho está prefaciado por Augusto de Lima, e traz, tambem á laia de prefacio, um soneto em que o padre Corrêa de Almeida diz ao autor dos *Bandoleiros*:

Eu votaria em ti para poeta,
Se a coisa dependesse de eleição.

Apezar dessa profissão de fé eleitoral, Silva Tavares pro mette mais do que dá, e dá menos do que daria se adiasse a publicação do seu livrinho para quando se sentisse capaz de produzir coisas de mais folego, e se libertasse de alguns defeitos, aliás perdoaveis, que o tempo e o estudo irão corregindo.

Entretanto, sente-se nestas paginas juvenis um sopro agradável de inspiração, certa facilidade de producção, e muita sinceridade. O poeta dos *Bandoleiros* saberá utilizar taes elementos, e n'outro livro nos dará ensejo de felicital-o sem restricções nem reservas.

*

No artigo de Augusto de Lima encontrámos um trecho referente á nossa penuria de critica litteraria; não nos furtaremos ao prazer de registral-o nas columnas do *Album*:

« Quaes são os nossos criticos? pergunta o poeta dos *Comtemporaneos* e dos *Symbols*. Com excepção de Sylvio Romero, ainda militante, pelo masculino vigor de sua organização intellectual, esse mesmo com largos hiatos no exercicio d'esta nobilissima missão, mais ninguem vejo na imprensa fluminense. Onde Machado de Assis, o excentrico observador e artista, o delicado chimico de pensamentos, apto para em sentença sem appello dar a formula exacta



JOÃO LOPES

de qualquer escriptor? Onde Carlos de Laet, essa illustre victima do minotauro da politica, espirito erudito, criterio transcendente? Onde Araripe Junlor, o psychologista meticoloso, formulista de bellos e novissimos conceitos criticos? Onde tantos outros? Uns morreram, como Joaquim Serra, Franklin Tavora, e Livio de Castro; outros escrevem chronicas politicas, leccionam e se burocratisam.»

Precisa-se de um critico !

COSIMO.

Em Pariz ha logar para tudo. No meio dos escandalos do Panamá, appareceu agora na grande cidade um livro de bons versos, e de repente as attentões se desviaram todas para o poeta, embora d'ahi a pouco se entregassem de novo aos Srs. Lesseps & C.

O poeta chama-se o Conde Roberto de Montesquiou-Tezensac. O livro intitula-se *Chauves-souris*, e é um precioso *bibelot* de typographia, com uma bella capa de seda azul, em que transparecem os morcegos que lhe servem de titulo e de commentario.

O volume não foi posto á venda. O poeta mandou tirar uma edição muito reduzida, para os amigos. Parece-nos, portanto, que os leitores do *Album* terão todo o interesse em conhecer uma das mais bellas producções colleccionadas nos *Chauves-souris*; eil-a :

LE COUCHER DE LA MORTE

Il n'y avait point de jour où elle ne reçût à sa cour sept ou huit mille sonnets, autant d'élégies, de madrigaux et de chansons, qui étaient envoyés par tous les poètes de l'univers. Toute-Belle était l'unique objet de la prose et de la poésie des auteurs de son temps ..

LE NAIN JAUNE.

Un jour qu'elle sentit que son cœur était las,
Voyant qu'il lui faudrait mourir à cette peine,
Elle fit travailler une bière d'ébène,
Et disposer au fond de riches matelas.

Pour qu'ils fussent moelleux, elle les fit emplir
De tous les billets doux dont on l'avait lassée ;
Dans la chambre on les fait apporter par brassée,
Et bientôt le tapis s'en voit ensevelir.

Longtemps on en bourra les coussins de linon ;
Sans trêve on les tassa dans les grands sacs d'étoffe ;
Parfois on voyait luire, au passage, des strophes,
Parfois, à la volée, on démêlait un nom.

Mais quand elle se fut de ce geste acquittée,
La Belle fut plus calme, en songeant, que, ce jour,
Elle aurait, pour dormir sa dernière nuitée,
Un lit harmonieux de murmures d'amour.

*

Or quand elle fut morte, et sous la planche sombre,
Lorsqu'on l'eut mise au lit de son cercueil soyeux,
Elle entendit vibrer un cliquetis joyeux,
Comme un bruit de rameaux dans un sentier plein d'ombre.

On eût dit un baiser de brise très léger
Sur les feuilles du tremble aux ramures peureuses ;
Un long chuchotement de choses langoureuses
Que parfois des sanglots paraissaient arpèger.

Modulant des aveux, des larmes, des prières,
Des adorations, des imprécations,
Qui passaient sur le champ lointain des passions,
Tels qu'un soupir du vent sur les roses bruyères,

Et c'étaient les espoirs et les désirs d'un jour
Qui reprenaient de loin leur tendresse finie
Pour tramer à la morte un lit de symphonie
Un glas délicieux, *De Profundis* d'amour !

*

Et quand les érudits et les archéologues
Ouvrirent le tombeau de cette Tahoser,
Ce qu'ils virent fut propre à leur faire poser
L'air expérimenté de leurs allures rogues :

La Morte, par mille ans de ténèbre arrosée,
Dormait sans une atteinte et sans une douleur ;
En sa couche d'amour on eût dit une fleur
Que de loin vivifie une ancienne rosée.

D'un effluve d'extase éternelle embaumée,
Sur un tapis de mousse, immarcessible lis,
Elle était, sur le bord de ses rêves pâlis,
Celle qui ne meurt point, tant elle fut a mée !

Mais quand du divin socle ils la firent descendre
Pour chercher du secret l'invisible filon,
Ce qui reste du vol saisi d'un papillon
Leur filtra dans la main, en lumineuse cendre !

ROBERT DE MONTESQUIOU.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

II

(Continuação)

O que devéras aureolava o todo organico de Carmen, era a primorosa cabeça, copia de alguma das virgens de Raphael, cinzelada segundo as leis precisas da plastica de um Praxiteles. O rosto prestava-se perfeitamente para base d'esse verdadeiro monumento de arte. Ovalada, mas com um disfarce de traço artisticamente pensado e cuidado, cobria-a uma nuvem de cabellos negros, fortes e abundantes.

Carmen penteava-se de um modo todo seu. O penteado não se assemelhava ao das demais mulheres, e por uma simples razão: mulher nenhuma poderia, talvez, imitar Carmen. Do lado direito, uma pollegada além da linha central do craneo, como rastro luminoso de uma estrella invisivel, via-se o branco da risca, que principiava na parte superior do frontal e a pouco e pouco se ia estreitando e sunindo na zona occipital.

D'essa trilha luminosa erguiam-se, a sufficiente altura, as fracções d'aquella opulencia capillar, como jactos que descrevem no espaço a parabola da sua trajectoria. Ao voltar-se, Carmen deixava ver, entrelaçadas, extensas bandas. O lustro natural fazia sobresahir os nós das tranças, fortemente apertados como se fossem abraços de amantes que se despedem.

E, logo á esquerda, como uma Venus feita flor, emergia, d'entre os cabellos, uma rosa, semi-pendente, empallidecida e como que a morrer nas tranças.

Lucio absorveu-se n'uma contemplação prolongada, que foi percebida pela maioria dos convidados. Era a primeira vez que via Carmen ao seu lado, falando-lhe, sorrindo...

N'isto, o pianista executou os primeiros compassos da mazurka.

O moço despreendeu-se das cerimoniaes, rehouve o *déagé boulevardier* de Pariz, ergueu-se de subito e postou-se meio curvado em frente de Carmen, que o fitou sem pestanejar como inimigo decidido a sustentar a sua independencia. E logo, como que por milagre, um bando de adoradores cercou-os. Todos queriam dansar com ella.

A moça comprehendeu tudo e, sem deixar que Lucio a convidasse para a mazurka, levantou-se, pousou, abandonada, a mão na do par, e recusou, com um sorriso que circulou em todos os sentidos, como um pedido de desculpa.

O salão palpitava. Eram muitos os convidados, e, apesar do grande espaço, difficilmente se moviam os pares. Ouviam-se ruidos e pequeninos risos abafados. Os pares conversavam, sorriam. Presen-

tiam-se as declarações de amor. Lucio divagou um olhar por todos aquelles grupos e principiou uma conversa.

— Fallemos francez, pedio, dirigindo-se á meia voz ao par com quem dansava.

— Fallemos, com a condição, porém, de que me perdoará as faltas. Aceita?... Que lhe parece a sociedade de Montevideo?

— Uma sociedade que nada tem a invejar á dos paizes europeus. Encanta-me o aspecto deste salão. Ahi ha, por exemplo, do que se não póde gabar nem se quer Pariz....

— O que?

— As mulheres. O aspecto geral dos salões de Pariz é alegre, porque a pariziense é a mulher de espirito por excellencia, porque sabe rir, porque falla....

— Como....

— Como *usted!*... Deixe-me pronunciar em hespanhol esta palavra, porque n'ella acho verdadeira simplicidade de trato. Pariz, porém, não possui um *bouquet* de formosuras, como Montevideo, como em geral a nossa America.

— Pura galanteria.

— Pura verdade. Nós em Pariz diziamos, quando voltavamos para casa: vi tantas mulheres bonitas. Aqui é o contrario: vi tantas feias.

— Mas... sem espirito, as nossas compatriotas.

— Não terão tanto; em compensação, têm belleza, coração e espirito.

— E... diga-me, Lucio... perdõe-me que o trate, desde já, com esta familiaridade; parece-me, entretanto, que fomos amigos n'outro tempo.

— O que não devemos ser.

— Porque?

— Porque hoje não lhe tenho amisade.

— Substituo-a?....

— Por *sympathia*.

— Tanto melhor.... A *sympathia* tem grande vantagem sobre a amisade....

— Póde tornar-se.... amor.

Carmen suspendeu por um momento a respiração. Mofdeu a ponta do leque de inverno, disfarçou, voltando de novo á pergunta que fôra interrompida por esta divagação proposital.

— E... diga-me: em Pariz não ha corações?

— Em Pariz, Carmen, ha corações, porém em frascos de espirito de vinho, de conserva, tal qual como a couve-flor e as alfaces.

— Não se ama?

— Não se ama; come-se

— Como diz?

— Come-se, porque em Pariz o amor é um dote, e os dotes comem-se.

— E' boa!... E... ainda outra pergunta... Que foi o senhor fazer a Pariz?

— Estudar.

— Ah!... estudar!... e estudar o que? a comer dotes?...

— Não; estudar medicina...

— Compreendo.... para curar os corações que estavam de conserva...

— Não!... para preservaros de Montevideo que, como o seu, podem fenecer de um momento para outro.

— Tenho n'esse caso um medico....

— E um enfermeiro.

— Sendo medico e enfermeiro.... perde a clinica.

— Não importa... ficarei abrigado...

— Onde?...

— No seu coração.

— Não póde negar que veio de Pariz...

— Com escala por Montevideo.

— Aqui... a sinceridade é um facto...

— Raro.

— Que quer dizer?

— Que é um dos defeitos de Montevideo... fala-se muito em amor e ama-se muito pouco.

— E que lhe importa isso? Não vem de Pariz?

— E' verdade, mas sou americano. O grande defeito do americano é sentir muito. O amor em Pariz entisica; em Montevideo faz enlouquecer.

N'isto, Carmen, estacou, como quem se conservasse fadigada de dansar. Estava na proximidade do piano. O musico dispunha-se, com uns grandes e fortes accordes, a terminar.

— Prosiga — disse-lhe á meia voz Carmen, de modo a não ser ouvida de Lucio.

O grande tapete do salão abafava completamente o ruido das dansas. Era como que um oceano revolto, que esconde os gemidos dos abysmos e se revolve em convulsões na superficie das aguas.

A conversação era geral, animada. Tão somente as senhoras, graves, gordas e pesadas, conversavam umas com as outras sobre assumptos de familia, e sobre a necessidade de casarem as filhas, porque de um momento para outro podiam morrer e as moças não deviam ficar ao desamparo.

N'essa noite, o assumpto da conversa, no grupo das senhoras, era motivado pela vinda de Lucio e pela preferencia d'este em ir convidar a filha do coronel Alvarez Blanco para dansar.

Os *coxixos* repetiam-se com frequencia.

— Carmen! Que belleza! — diziam, arregalando os olhos e volvendo-os para a senhora do coronel Blanco. Admiravam a mãe d'aquella prenda e confessavam umas ás outras que Dolores estava tão bem conservada, que nem parecia ser mãe.

— Ainda póde rivalizar com a filha.

E arrastavam os pés no tapete como que para dar mais força á expressão. Depois, seguindo n'outra ordem de idéas, principiaram a analysar o typo de Lucio Herrera.

— E' um rapaz elegante! Nada lhe falta! Que olhos matadores! Carmen não resistirá d'esta vez!...

— E que côr, á do rosto!

— Moreno! E' um contraste com a cutis alva de Carmen...

— Dansa *divinamente*! Reparem como sorri!...

— E o cabelo! .. anelado e penteado com certo abandono desprentencioso!

— E que talento! Fez uma figura distincta na academia de medicina de Pariz. Se tivesse vinte annos menos do que tenho, apaixonava-me por elle!

— E eu!...

— E eu!

— E quatro!...

E todas se voltaram n'este instante. A mazurka terminava, e o par, alvo de todas as attentões, continuava a passeiar, abandonado á divagação de uma conversa intima.

Os moços respeitaram, zelosos, aquelle conchego, e foram convidar outras moças para dansar.

Na verdade, era necessario não ter bom gosto para deixar de admirar o typo de Lucio Herrera.

Liam-se-lhe na physionomia a vivacidade e a animação de um americano. Os olhos, principalmente, eram *de matar*; grandes e negros, rivaes dos de Carmen em belleza, filtravam que uma luz scintillante, propria de uma natureza abrazadora. O bigode sombreava-lhe ligeiramente o labio superior, recurvando-se nas pontas com symetria elegante.

A casaca, vestida como se fosse uma luva, desenhava-lhe um dorso correcto, ao mesmo tempo que a mão direita, sumida n'uma *gris-perle*, brincava distrahidamente com o *gibus* de fundo trabalhado em seda branca e onde se liam as duas iniçaes *L. H.*, entrelaçadas em fios de ouro.

Seria um pelintra se não fosse um homem de talento.

Carmen, entremettes, passeava de braço com o seu amigo de infancia e, correndo olhares ao longo das paredes, iam ambos examinando umas pinturas artisticas.

Nos recantos, levantavam-se jardineiras, onde, por sua vez, se erguiam os cachos dos nardos e dos lilazes, aquelles de um branco de neve condensada, estes de um violeto pallido e modesto.

Depois, passavam por frente dos espelhos emoldurados em aço bronzeado.

Lucio não perdia occasião; sorria, e Carmen recebia por confidencia dos espelhos o raio luminoso d'aquelle sorriso eloquente.

Por sobre o piano de Herz pendia uma grande gravura. Representava Romeu e Julieta na hora da despedida.

Romeu, sobretudo, era de encantar.

Carmen não se deteve a explicar ao amigo a historia d'aquelles amores nascidos em Verona, sob o céu azul da patria de Bellini.

— Conhece? — perguntou, estendendo o leque em direcção ao quadro e continuando a caminhar.

— E' a eterna historia do amor.

— Eterna?... não o diga; o senhor creê que existisse um Romeu?

— Como acredito que existe uma Julieta.

— Quem?

— Alguem que é a rainha d'esta festa.

— Vamos procural-a, quer?

E logo, sem dar tempo a que Lucio lhe retorquisse, aproximou-se d'uma das amigas mais bonitas que alli se achavam.

— E' esta a Julieta?

— Não!... respondeu seccamente o moço.

— Procuremos ainda.

— E' desnecessario, porque a achei.

— E... quem é?

— Hoje é segredo; amanhã talvez lh'o diga...

E o piano atacou o primeiro compasso da valsa do *Danubio*, de Strauss.

— Diga-me, Carmen, aqui, como em Pariz, é de praxe abandonar por toda a noite o par com quem se dansou uma vez?

— Se o cavalheiro quer...

— N'esse caso .. peço-lhe esta valsa.

Os pares escassearam para a valsa; por isso, Lucio, tomando do corpo aligero de Carmen, descreveu a recta dos primeiros passos da valsa alleman.

D'ahi a minutos, os outros pares pararam para examinar as evoluções choreographicas dos enamorados, como já se principiava a murmurar.

Carmen vio-se alvo d'aquella observação.

— Basta, Lucio! murmurou, arfando e deixando-se calir no sofá mais proximo.

— Bravo! disseram algumas vozes.

Carmen fingio não ter ouvido. Cravou o olhar no rosto do Dolores, sua mãe, e disse com ar de enfado ao par, que esperava de pé:

— Retire-se. A sociedade é maldizente.

Se alguem n'aquelle momento ficou como que paralisado, foi Lucio.

Estava tão longe de esperar aquelle desenlace!...

Agradeceu e retirou-se, sem nada comprehender do que se acabava de dar.

Entretanto, as amigas de Carmen, sem deixar os braços dos cavalheiros com quem haviam dançado, ou passando dos d'estes para os de outros, acercavam-se calculadamente da amiga, elogiavam-na; e, recurvando-se, segredavam-lhe ao ouvido:

— E então?. adivinhei?... outra conquista?...

Carmen ergueu-se então e travou do braço de um rapaz enorme, feio, ridiculo...

— Que typo! murmuraram os outros moços que por alli circulavam.

O grupo de senhoras rio-se com estrondo.

— Que troca!

— Depois do sol a chuva.

Entretanto, como para confirmar o que dissera hora antes, isto é, que era incomprehensivel, travou com o novo par uma conversa animada.

Na apparencia era uma faceira consummada; na realidade, comprehendia a sociedade e divertia-se á custa das apreciações mais ou menos calumniosas.

Lucio, entretanto, conversava com o pai, o coronel Herrera, e com o padrasto de Carmen, o coronel Alvarez Blanco.

— Então, que lhe parece? perguntou este ultimo meio a sorrir e interiormente applaudindo o bom gosto de Carmen.

— Parece-me — respondeu Lucio — que afinal me encontro em Montevideo e que morrem a pouco e pouco as saudades que trouxe da Europa.

— Não dança? .. perguntou uma voz de mulher. Lucio voltou-se e deu com o rosto da mãe de Carmen.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa)

EFFEITOS DE AMOR

Quando sem ver-te algumas horas passo,
A rosa murcha, o passaro não trilla,
Cobre-se o céu, troveja, e não scintilla
Nem uma estrella no sombrio espaço!

Dolorida, pedaço por pedaço
A minha alma se quebra e se aniquilla,
Como se fôra miseranda argila,
Quando sem ver-te algumas horas passo!

Mas se um rapido olhar de amor te lanço,
Revive a natureza magestosa,
Volve ao meu coração doce descanso.

Não imaginas, pallida formosa,
Como todo o meu ser palpita e gosa
Quando um rapido olhar de amor te lanço!

PAULO AUGUSTO.

THEATROS

O nosso collaborador X. Y. Z escreve-nos, dizendo que, por falta absoluta de assumpto, deixa de mandar-nos o seu artigo sobre theatros; e acrescenta: «A companhia lyrica do Polytheama deu-nos a bella e estafadissima *Cavalleria rusticana*, mas... é melhor não fallarmos de coisas tristes.»

O ALBUM, por enquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.